

História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral

Fernando Brissos¹

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

fernandobrissos@campus.ul.pt

Resumo

Apresenta-se neste trabalho um panorama atualizado da história linguística do sueste da Beira, construído a partir da junção crítica de duas vertentes: (i) o corpo de conhecimentos acumulado na dialetologia portuguesa até recentemente, quando (ii) surgiram dados novos que alteram em alguns aspetos fundamentais a visão legada por esse corpo de conhecimentos. Focar-nos-emos nas duas épocas para que surgiram dados novos: o português antigo e o português contemporâneo, que nos permitem identificar um traçado seguido consistentemente pela linguagem da região ao longo dos séculos.

Palavras chave: Beira, português antigo, dialetologia portuguesa

Abstract

This paper presents an updated panorama of southeastern Beira's linguistic history, built upon an association of two perspectives: (i) the body of knowledge gathered by Portuguese dialectology up until recently, when (ii) new data were found that lead to a revision of the previously established view. We will focus on the two periods for which new data were made

¹ Financiado pela Bolsa de Pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Governo de Portugal) com a referência SFRH/BPD/78479/2011.

Fernando Brissos, "História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral", *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

available: Ancient Portuguese and Contemporary Portuguese. Comparing these two stages allows us to identify the course consistently pursued throughout time by southeastern Beira's language.

Keywords: Beira, Ancient Portuguese, Portuguese dialectology

INTRODUÇÃO

A identidade do português falado no sueste da Beira² desde há muito é entendida a partir de duas características fundamentais (e.g. Cintra 1983b, Segura 2013; cf. também Brissos 2012: 15-26): (i) forma uma variedade de transição, nacional e internacional; (ii) é parte integrante de uma região subdialetal profundamente idiossincrática. No mapa que sintetiza a proposta de classificação dos dialetos portugueses de Cintra (a proposta utilizada de forma praticamente unânime desde a sua publicação), reproduzido aqui como mapa 1 no Anexo, ambos os aspetos são evidentes. Por um lado, vemos que a linha de fronteira entre os dois grandes grupos de dialetos de Portugal continental, os setentrionais e os centro-meridionais, atravessa o SE beirão em toda a sua extensão — e o carácter de transição internacional da região é transparente, pois faz fronteira com Espanha e a língua espanhola. Por outro lado, pode observar-se que o SE beirão forma a maior parte de uma das três únicas “regiões subdialetais com características peculiares bem diferenciadas”, a

² No seguimento de Brissos 2012: 9, utilizaremos aqui a expressão *sueste da Beira* para designar “a maior parte do distrito de Castelo Branco (consequentemente, também da [antiga] província da Beira Baixa), excluindo-se apenas (i) a zona da Serra de Estrela — concelhos de Belmonte e Covilhã, *grosso modo* — e (ii) a zona do sudoeste — aproximadamente os concelhos de Vila de Rei e Sertã”.

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

“variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo” (Cintra 1983b:155-156, Segura 2013:102-104). Essa variedade é caracterizada por fenómenos respeitantes ao vocalismo tónico, contextual e não contextual; destaca-se a existência de vogais mistas e, de entre elas, o chamado fenómeno da palatalização de /u/, i.e. a realização do /u/ tónico do português padrão (e da maior parte dos dialetos) como /u/ ou /y/ (e.g. ['tyd] *tudo*, ['rue] *rua*, [bɐ'γũsɐ] *bagunça*). É este fenómeno que Cintra utiliza para delimitar a variedade.

O panorama, claramente razoável e inteligente, legado por esse corpo de conhecimentos deixou-nos, contudo, um par de questões intrigantes:

- a) Delimitação da variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo — Cintra 1983b: 156, n. 56 exclui a zona fronteira da área da palatalização de *u* e acrescenta que, apesar de ter sido “preferível não considerar este facto no mapa [...] é provável que num mapa mais pormenorizado se tenha de suprimir uma zona vizinha da fronteira [...]”. Brissos 2012, por seu lado, nota um decréscimo geral dos fenómenos destacados da variedade em direção à fronteira, embora não registre a ausência da palatalização de *u* nessa zona. O que quer isto dizer? Que a zona da fronteira não pertence à variedade? Ou que apenas pertence recentemente? Um facto importante a ter aqui em consideração é a ausência dos fenómenos destacados da variedade nos falares espanhóis do lado de lá da fronteira, pois isso sugere que a formação da variedade se deu posteriormente à formação da fronteira política. Isto levamos à segunda questão.

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

b) Origem da variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo – Para explicar a origem da variedade é necessário ter em conta, a partir da literatura tradicional, dois aspetos fundamentais: a separação com os dialetos espanhóis do lado de lá da raia, por um lado, e, por outro, as importantes semelhanças entre as *duas regiões subdialetais com características peculiares bem diferenciadas* do centro-sul português, a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo e a variedade do Barlavento do Algarve (mapa 1 adiante; Cintra 1983b: 157-158; Segura 2013: 104-105).³ De facto, várias têm sido as teorias explicativas da origem da variedade, desde a teoria do substrato céltico (postulada a partir da semelhança do vocalismo da variedade com o do francês, assumindo-se assim este influenciado decisivamente pelas línguas célticas; e.g. Menéndez Pidal 1980) até à teoria do superstrato francês medieval (Cintra 1983a; cf. também Segura 1987: 270ss. e Brissos 2012: 26&494-495), passando pelas teorias de evolução interna do sistema, i.e. teorias que procuram explicar os fenómenos destacados da variedade como evoluções espontâneas e de condicionamento exclusivamente interno ao sistema (e.g. Haudricourt & Juillard 1949). Mas todas essas teorias dependem de dados que investigação recente tem aprofundado e melhorado, com implicações decisivas para as mesmas.

Passamos a ver esses dados e essas implicações no panorama atualizado da história linguística do sueste da Beira.

³ Note-se desde logo que ambas as variedades são delimitadas pelo mesmo traço: a palatalização de *u*.

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografias del Português: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

HISTÓRIA SINTÉTICA DO PORTUGUÊS NO SUESTE DA BEIRA: INÍCIO

O único *corpus* significativo de documentos medievais produzidos no sueste da Beira até hoje conhecido foi pela primeira vez editado e estudado por Brissos 2012. Trata-se de 99 documentos tabeliônicos (por isso bem datados e localizados) escritos nos séculos XIII e XIV, com datas que vão de 1274 a 1397, em várias localidades da região, sobretudo em S. Vicente da Beira (90%, a que correspondem 60% em número de tabeliães: cf. Brissos 2012: 169ss.).

Na linguagem desse extenso *corpus* pode verificar-se, como ponto fundamental, que o SE beirão apresenta já em pleno português antigo — está em causa, note-se, a época inicial da produção escrita regular em português — uma total integração no sistema linguístico (galego-) português, apresentando-se até, como refere Brissos 2012: 489, “genericamente conservador” dos estados de língua / escrita que sucessivamente iam sendo ultrapassados. Este segundo aspeto deixa nítida a *total integração* da linguagem da região no sistema português, pois denota a sua posição dialetal — ou seja, não normativa, dado que as alterações são por defeito tomadas pelas áreas não normativas a partir das áreas normativas.

São bons exemplos da pertença ao padrão de língua e *scripta* do português antigo o sistema de sibilantes não palatais (Brissos 2012: 350ss.), os paradigmas dos verbos irregulares (Brissos 2012: 405-458) e os dígrafos <lh> e <nh> (Brissos 2012: 369-372). Todos esses fenómenos sofreram desenvolvimentos decisivos no português

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

antigo e representam áreas especialmente importantes da história da língua, pois: (i) no caso das sibilantes, a simplificação do sistema pela exclusão das variantes apicais (o chamado *s beirão*, que na realidade inclui quase todo o norte do país contemporâneo) representa um dos traços dialetais mais importantes do português (é aliás o traço que Cintra utiliza para identificar os dois grupos principais de dialetos de Portugal continental); (ii) a irregularidade verbal é sempre uma área problemática de qualquer língua, quer no que toca à produção adulta como L1 quer no que respeita à própria aquisição da língua, devido à tendência de regularização de paradigmas que qualquer aprendiz de qualquer língua tem; (iii) os dígrafos <lh> (= [ʎ]) e <nh> (= [ɲ]), por último, são, como se sabe, um carácter idiossincrático do português, que nem o galego partilha. Ora, em nenhum dos três casos surgem no *corpus* soluções anómalas ao que encontramos no português antigo comum; mais do que isso, as evoluções que verificamos na língua a seu respeito, não deixando de se registar nos documentos do sueste da Beira, surgem aí — pouco ou muito consoante o caso — mais tarde do que nos documentos das principais áreas linguísticas do país.

As lições dos documentos antigos do SE beirão não ficam, no entanto, por aí. Entre os (poucos) fenómenos dialetais que apesar de tudo ocorrem, um permite-nos verificar o que era apenas uma hipótese muito especulativa: a região dialetal idiossincrática do centro-interior do país (ou, se se preferir, a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo) já existia em pleno português antigo. O fenómeno em causa é a monotongação do ditongo [ej], hoje geral no centro-sul do país (Cintra 1983b) mas cuja datação tem sido difícil de determinar, mesmo em moldes gerais (cf. Brissos 2012: 299ss.). No *corpus* de Brissos 2012, esse fenómeno é atestado, sem margem para dúvidas, em meados do séc. XIV no SE da Beira; exemplos: “uerdadiro” =

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

‘verdadeiro’ (1355), “Çapatiro” = ‘sapateiro’ (1363), “queira” = ‘queira’ (1368) (Brissos 2012: 303). Interessa-nos ligar esse fenómeno com dois fenómenos destacados da variedade do centro-interior, a palatalização de *a* tónico (e.g. [pĩ'tɛði] ‘pintado’, [bu'ɛku] ‘buraco’) e a velarização ou labialização de *e* fechado tónico (e.g. [ku'zœr] ‘cozer’, [pɾœt] ‘preto’). A contextualização desses fenómenos implica que eles sejam anteriores à monotongação de *ei* (Brissos 2012: 495-496), o que significa que: (i) se verificamos a monotongação de *ei* em meados do séc. XIV, verificamos também, por via indireta, aqueles dois fenómenos para a mesma época; (ii) assim, se esses dois fenómenos, que são dos mais marcados dos traços característicos da variedade do centro-interior, estão atestados, deveremos considerar, por maioria de razão, que fenómenos menos marcados e com uma distribuição geográfica mais extensa como, ainda e sempre, a palatalização de *u* já existiam. (iii) Logo, a *variedade idiosincrática do centro-interior* já existia no português antigo. Essa constatação é, naturalmente, de elevada importância para a história da língua do sueste da Beira e do país em geral. E leva-nos a uma questão: que tipo de evolução sofreu aquela variedade no SE beirão?

HISTÓRIA SINTÉTICA DO PORTUGUÊS NO SUESTE DA BEIRA: CONTEMPORANEIDADE

Na época atual, o português do sueste beirão está dividido em dois grupos fundamentais de tamanho equivalente: oeste e este. O primeiro, contudo, domina a zona intermédia do norte e centro, e o segundo a zona intermédia do sul (Brissos 2012: 482-486). É essa divisão que vemos no mapa 2 (Anexo), baseada nos dados de Brissos 2012, que, por sua vez, provêm maioritariamente do arquivo dialetal

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) (Brissos 2012: 39-48; sobre o ALEPG vejam-se também a página web do projeto (cf. Referências bibliográficas adiante) e Saramago 2006; dos outros dados utilizados por Brissos, destacam-se os recolhidos em 2008 no concelho de Penamacor, área não coberta pelo ALEPG). Se todo o SE beirão se caracteriza por ser uma linguagem com “marcado caráter arcaizante” (Segura 2013: 103), com traços como a africada palatal sonora [dʒ] (e.g. ['dʒētʰ] ‘gente’) ou as formas reforçadas dos demonstrativos (*aqueste, aquesta, aquisto; aquesse, aquessa, aquisso*) (ver mais em Brissos 2012, esp. 482-486, e Segura 2013: 103), existe uma coerência geográfica de aumento desse *caráter arcaizante* em direção a Este: os falares localizados mais a Este são os mais arcaizantes da região (Brissos, *ibid.*).

Podemos cada vez mais, à medida que os anos passam, fazer comparações entre diferentes estados de língua dialetais a partir de dados recolhidos com ambições científicas. Já é válido, por exemplo, comparar os dados que obtemos para a atualidade com os dados recolhidos pelo fundador da dialetologia científica em Portugal, José Leite de Vasconcelos, que se caracterizou precisamente por ser um grande *documentador linguístico* (termo então ainda não utilizado). Dentro do seu extenso e valiosíssimo *corpus* dialetal, recolhido entre os finais do séc. XIX e os meados do XX (Leite nasceu em 1858 e faleceu em 1941), figuram dados sobre o sueste da Beira, editados por M^a Adelaide Valle Cintra: Vasconcelos & Cintra 1985. Os mapas 3-7 (Anexo) apresentam a comparação metódica desses dados com os do ALEPG (último quarto do séc. XX), tal como analisados por Brissos 2012, no que respeita aos principais fenómenos fonéticos verificáveis no sueste da Beira (partindo dos fenómenos utilizados nas propostas

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

de classificação dialetal do português e tendo presente que todas elas estão assentes em fenómenos fonéticos).

O principal ponto a retirar dessa comparação é que o sueste da Beira surge com maior vitalidade dialetal nos dados de Brissos 2012 do que nos de Leite de Vasconcelos, pois os dados de Brissos patenteiam (i) mais fenómenos dialetais destacados e, por outro lado, (ii) maior dimensão geográfica dos fenómenos dialetais registados em ambos os dados⁴. A discrepância entre os dados dos dois autores é significativa, pois Leite, mesmo não utilizando uma metodologia moderna de recolha de dados dialetais (ao contrário dos dados de Brissos, que provêm do ALEPG), foi um dialetólogo da mais alta craveira, que dispensa apresentações. Pode por isso dizer-se, pelo menos, que a linguagem do SE da Beira chegou ao século XX com grande vitalidade dialetal — colocando-se a hipótese, de acordo com Lüdtke 1957, de os caracteres dialetais daquela linguagem terem aumentado recentemente (veja-se também a esse respeito Brissos 2012: 498-499). Essa é uma questão que só uma correta compreensão da base geral da história do português do sueste da Beira permitirá resolver.

⁴ Concretamente, quando existe diferença entre as dimensões geográficas de um mesmo traço nos dados de Brissos e Leite, quase sempre (4/1) a dimensão é maior nos primeiros. Isso pode ver-se mapa a mapa ou, de forma simplificada, na seguinte lista, que apresenta os fenómenos notados tanto por Leite como por Brissos (a itálico os que têm maior dimensão geográfica em Brissos; a negrito os que têm maior dimensão geográfica em Leite do que em Brissos; sem destaque os que têm a mesma dimensão em ambos os AA.): *betacismo*; **sibilantes apicais**; *africada palatal surda*; monotongação de [ej]; monotongação de [ow]; palatalização da vogal de [ow], ditongo ou não; palatalização contextual de /a/; *velarização de /e/ tónico*; palatalização de /u/; *redução de [u] final*.

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

HISTÓRIA SINTÉTICA DO PORTUGUÊS NO SUESTE DA BEIRA: BASE GERAL

O português do sueste beirão pertence, como vimos, a uma região dialetal destacada. No entanto, essa região dialetal não é puramente idiossincrática e isolada do conjunto, como está estabelecido na dialetologia portuguesa, mas sim um dependente de uma superior unidade do centro-sul português. Concretamente, como Brissos 2015 refere, “as variedades dialetais [do centro-interior, i.e. a *variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo*] e [do sudoeste, i.e. a *variedade do Barlavento algarvio*] não são factos dialetais isolados do restante conjunto centro-sulista do país, mas sim exponenciações de tendências superiores do centro-sul”. Ou seja, “não são exatamente ‘regiões subdialetais com características peculiares bem diferenciadas’ (classificação da tradição da *Nova Proposta* de Cintra); são [...] *regiões extremas de processos mais ou menos gerais [no centro-sul]*” (*ibid.*). Não deixando porém de ser, isso é claro, variedades dialetais destacadas.

A proposição de Brissos é estabelecida, robustamente, a partir de três conjuntos de dados: (i) os dados acústicos de Brissos 2014, que descrevem, em valores Hertz dos primeiros três formantes, as características vocálicas de treze pontos de inquérito distribuídos pelo centro-sul de Portugal; (ii) os resultados de Brissos & Saramago 2014, que analisam exaustivamente as informações de toda a literatura dialetal sobre o centro-sul do país, cujos dados são de base fundamentalmente perceptiva (pois a dialetologia acústica ainda quase não tem tradição em Portugal); e (iii) os dados dialetométricos de Brissos 2015, que sistematizam a variação encontrada num *corpus* exaustivo de todos os fenómenos dialetais de relevo

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

(independentemente da área gramatical) do centro-sul (= 69 fenómenos), nos mesmos pontos de inquérito de Brissos 2014. Em todos os conjuntos de dados se pode ver, como refere Brissos 2015, que “tanto ao nível dos traços dialetais mais destacados (desde logo os tradicionalmente referidos como típicos [do centro-interior e do sudoeste]) como ao nível de todos os outros, dispersão é, no centro-sul de Portugal, a palavra de ordem”.

Verifica-se portanto que o sueste da Beira, sendo uma charneira linguística do português na principal dimensão de variação diatópica da língua, o seu confronto norte-sul (o SE beirão forma, como dissemos, uma zona de transição tanto a nível nacional como internacional), tem contudo uma base meridional. Apresenta-se aliás como um bom exemplo da influência sul → norte que, a partir do final da Idade Média, substituiu a dominância norte → sul presente desde a origem da nação (e.g. Teyssier 2001, Castro 2006).

CONCLUSÃO

Sintetizando a síntese, recapitularemos agora os principais aspetos do panorama histórico da linguagem do sueste da Beira que, a partir da revisão crítica das informações estabelecidas na tradição dialetológica portuguesa, e da conjugação de dados novos que surgiram nos últimos anos, procurámos apresentar neste trabalho:

- a) Na fase inicial da língua histórica (aquela a que temos acesso por documentos), o sueste beirão apresenta já uma integração plena no sistema do português, incluindo na sua dimensão dialetal. Aqui, tem de se destacar a evidência trazida à colação de que a região dialetal destacada em que o SE da Beira hoje se integra existia já no português antigo (séc. XIV, pelo menos) e o SE da

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

Beira era igualmente parte integrante dela. Até que ponto houve desenvolvimentos posteriores?

- b) A fase contemporânea mostra-nos uma plena vitalidade dialetal dos falares do SE da Beira, parecendo até que os seus caracteres mais destacados tiveram um desenvolvimento positivo recentemente. Mas isso é por enquanto uma mera hipótese, que tem de ser provada e, *a priori*, até parece *improvável*.
- c) Uma coisa é certa: o português atual do sueste beirão, dividido entre um oeste menos conservador e um este mais conservador (cada vez mais conservador em direção a Este, ou seja, à fronteira), mostra-nos, em conjunto com a fase antiga, o carácter apontado a Sul da evolução linguística do sueste da Beira ao longo dos séculos. De facto, os principais caracteres dialetais da região (os que lhe permitem fazer parte da variedade dialetal sobressaliente do centro-interior português) encontram o seu parentesco no centro-sul do país — em toda ou quase toda a extensão do centro-sul, e não, como tem sido suposto, de partes isoladas —, não no norte.
- d) Nem, de resto, em Espanha: o sueste da Beira é uma região subdialetal arcaizante escondida num canto de Portugal cujo traçado evolutivo se constrói simultaneamente a partir do sul e desse isolamento. É, por isso e pelo contraste que permite estabelecer com os dialetos espanhóis confinantes, uma região com maior importância prática para a reconstrução da história da língua do que parece à primeira vista.

BIBLIOGRAFIA

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, página web:
<http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg?showall=1>.
[Última consulta: 06/11/2015.]

Brissos, F. (2012): *Linguagem do sueste da Beira no tempo e no espaço*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Brissos, F. & J. Saramago (2014): “O problema da diversidade dialetal do centro-sul português: informação percetiva *versus* informação acústica”, in *Estudos de Lingüística Galega*, 6, pp. 53-80. [Disponível online em <http://www.usc.es/revistas/index.php/elg> - última consulta: 05/11/2015.]

Brissos, F. (2014): “New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels”, in *Journal of Portuguese Linguistics*, 13-1, pp. 63-115.

Brissos, F. (2015): «Dialectos portugueses do centro-sul: *corpus* de fenómenos e revisão do problema da (des)unidade», in *Zeitschrift für romanische Philologie*, no prelo.

Cintra, L. Lindley (1983a): “Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: Esquema de um estudo sincrónico e diacrónico”, in *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, pp. 35-54.

Cintra, L. Lindley (1983b): “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, in *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, pp. 119-163.

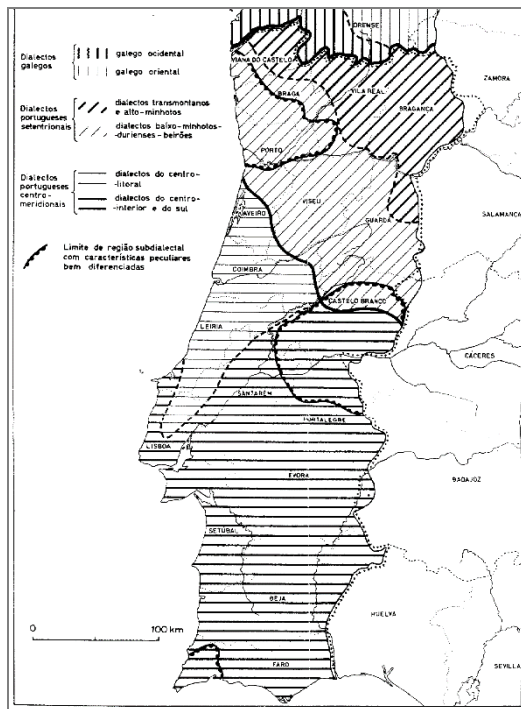
Castro, I. (2006): *Introdução à história do português*. 2.^a edição, Lisboa: Colibri.

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Português: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

- Haudricourt, A. & A. Juilland (1949): *Essai pour une histoire structurale du phonétisme français*. Paris: Klincksieck.
- Lüdtke, H. (1957): «Beiträge zur Lautlehre Portugiesischer Mundarten», in *Miscelánea homenaje a André Martinet: Estructuralismo e historia*, t. I. La Laguna: Universidad de La Laguna.
- Menéndez Pidal, R. (1980): *Orígenes del español: Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*. 9.^a edição de acordo com a 3.^a muito corrigida e adicionada, Madrid: Espasa-Calpe.
- Saramago, J. (2006): “O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)”, separata de *Estudis Romànics*, XXVIII, pp. 281-298. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans.
- Segura, L. (1987): *A fronteira dialetal do Barlavento do Algarve*. Tese de doutoramento inédita. Universidade de Lisboa.
- Segura, L. (2013): “Variedades dialetais do português europeu”, in Raposo, E. Paiva, M^a F. Bacelar do Nascimento, M^a A. Mota, L. Segura & A. Mendes (orgs.): *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 85-142.
- Teyssier, P. (2001): *História da língua portuguesa*. Tradução portuguesa de Celso Cunha, 8.^a edição, Lisboa: Sá da Costa.
- Vasconcelos, J. Leite de & M^a A. Valle Cintra (1985): *Opúsculos*, VI — *Dialetologia*, Parte II. Lisboa: Imprensa Nacional.

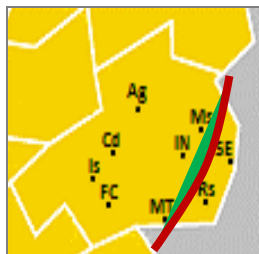
Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

Anexo



Mapa 1 — “Classificação dos dialetos galego-portugueses”, in Cintra 1983b

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

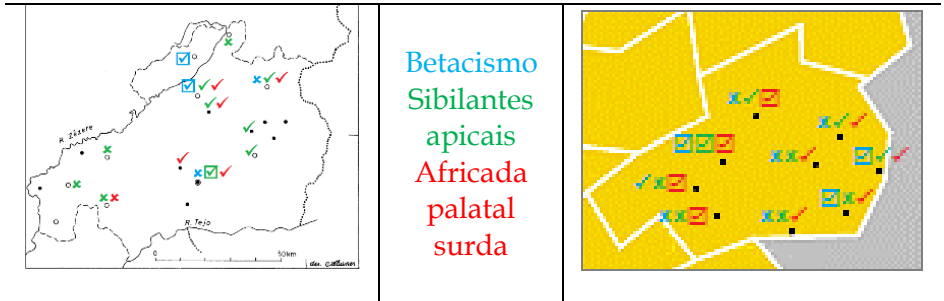


Mapa 2 – Classificação dos dialetos do sueste da Beira no final do séc. XX (A partir dos dados de Brissos 2012, que se baseiam nos materiais do ALEPG (abrangência cronológica dos inquéritos: 1976-1997) e em dados de recolha autónoma (2007-2010). No mapa figuram apenas os pontos de inquérito do ALEPG na região. Para mais informação, cf. Brissos 2012:39-48.)

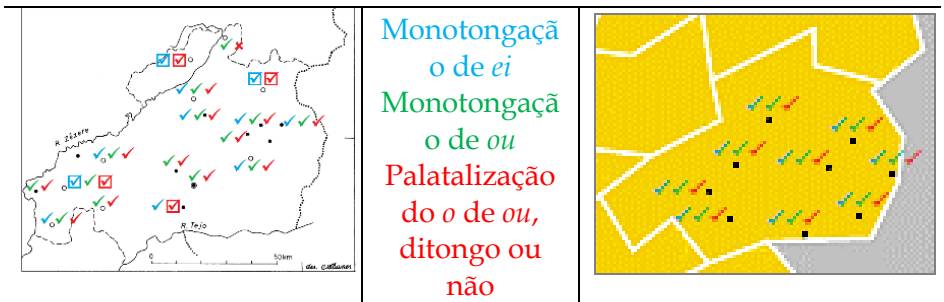
Legenda:

- a) Grupo ocidental: **Ag** = Alcongosta; **Cd** = Cardosa; **Is** = Isna; **FC** = Foz do Cobreão.
- b) Grupo oriental: **Ms** = Monsanto; **IN** = Idanha-a-Nova; **SE** = Salvaterra do Extremo; **Rs** = Rosmaninhal; **MT** = Malpica do Tejo; e concelho de Penamacor (área a Norte de Monsanto).

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografias del Português: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

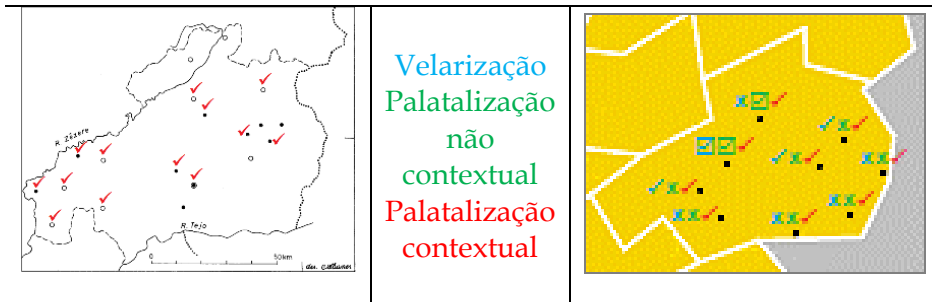


Mapas 3-1 e 3-2 — Comparação de três fenómenos consonânticos no *corpus* dialetal de Leite de Vasconcelos e no *corpus* do ALEPG (Símbolos: ✓ = fenómeno verificado. ☑ = fenómeno verificado parcialmente (e.g. apenas em um informante, ou em apenas alguns contextos fonéticos). ✖ = negação da existência do fenómeno.)

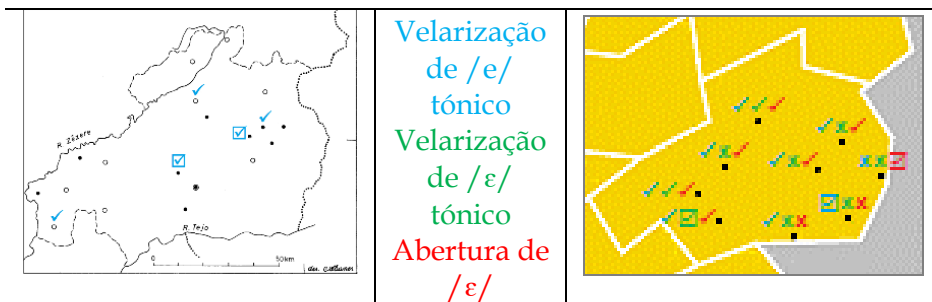


Mapas 4-1 e 4-2 — Comparação dos fenómenos respeitantes aos ditongos timológicos [ej] e [ow] no *corpus* dialetal de Leite de Vasconcelos e no *corpus* do ALEPG (simbologia: cf. mapas 3-1 e 3-2)

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografías del Português: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.

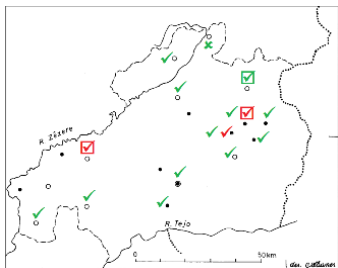


Mapas 5-1 e 5-2 — Comparação dos fenómenos respeitantes à vogal /a/ tónica do português padrão no *corpus* dialetal de Leite de Vasconcelos e no *corpus* do ALEPG (simbologia: cf. mapas 3-1 e 3-2)

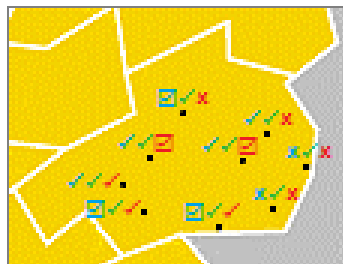


Mapas 6-1 e 6-2 — Comparação dos fenómenos respeitantes às vogais /e/ e /ε/ tónicas do português padrão no *corpus* dialetal de Leite de Vasconcelos e no *corpus* do ALEPG (simbologia: cf. mapas 3-1 e 3-2)

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografias del Português: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.



Fechamento
de /ɔ o/
tónicos
Palatalização
de /u/
tónico
Redução de
/o/ átono (= [u] = <o>
final



Mapas 7-1 e 7-2 — Comparação dos fenómenos respeitantes às vogais /ɔ o u/ tónicas do português padrão no *corpus* dialetal de Leite de Vasconcelos e no *corpus* do ALEPG (simbologia: cf. mapas 3-1 e 3-2)

Fernando Brissos, “História sintética do português no sueste da Beira: início, contemporaneidade e base geral”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 74-92.